

FRANCESES NO BRASIL
SÉCULOS XIX-XX

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Júlio Cesar Torres

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Maurício Funcia de Bonis

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Ricardo D'Elia Matheus

Sílvia Maria Azevedo

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

LAURENT VIDAL

TANIA REGINA DE LUCA

(Organizadores)

FRANCESES NO BRASIL SÉCULOS XIX-XX

2^a EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA



© 2025 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

F815

Franceses no Brasil: séculos XIX-XX / organizado por
Laurent Vidal, Tania Regina de Luca. – 2. ed. revista e
ampliada – São Paulo: Editora Unesp, 2025.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-262-5

1. História Geral. 2. História do Brasil. 3. Franceses no
Brasil. 4. Século XIX. 5. Século XX. I. Vidal, Laurent. II. Luca,
Tania Regina de. III. Título.

2025-3892

CDD 900

CDU 94

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Prefácio à segunda edição brasileira – Laurent Vidal e Tania Regina de Luca 9

Introdução – Laurent Vidal e Tania Regina de Luca 13

Parte 1 – Imigrar para o Brasil: imagens e realidades

1. *Uma história esquecida: a Associação Central de Colonização do Rio de Janeiro e a mercadorização da emigração europeia (1857-1865)* – Laurent Vidal e Maria Isabel de Jesus Chrysostomo 31
2. *A emigração guiada por Frederico José de Santa-Anna Nery, literato brasileiro, na Exposição Universal de Paris em 1889* – Guy Martinière 49
3. *A emigração francesa para o Brasil pelo porto de Bordeaux: séculos XIX e XX* – Jorge Luís Mialhe 73
4. *Da América do Norte ao Brasil. Dois episódios de imigração francófona na segunda metade do século XIX* – Rosana Barbosa e Yves Frenette 97

5. *A emigração proibida: o caso França-Brasil entre 1875 e 1908* – Mônica Leite Lessa e Hugo Rogério Suppo 111

Parte 2 – Terra de refúgio, terra de utopia

6. *Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses do Brasil no início do século XIX* – Juliette Dumont 151
7. *Um emigrante francês no Brasil: Jean Étienne Seraine (1827-1854)* – Jean Glénisson 163
8. *O Brasil e o socialismo do século XIX: fourieristas no Saí* – Ivone Gallo 191
9. *Um socialista francês diante da escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Ricard e o jornal Le Sud-Américain* – Claudio H. M. Batalha 205
10. *Judeus-franceses no Rio de Janeiro do século XIX* – Fania Fridman 219

Parte 3 – O amplo leque das atividades urbanas

11. *Comércio francês e cultura material em São Paulo na segunda metade do século XIX* – Heloisa Barbuy 237
12. *Do outro lado do Atlântico: imigrantes franceses na São Paulo do século XIX* – Vanessa dos Santos Bodstein Bivar e Eni de Mesquita Samara 253
13. *Os franceses em Pernambuco no século XIX* – Emanuele de Maupeou 275
14. *Facetas marginais do sonho de civilização: imigração francesa e prostituição no Brasil (1816-1930)* – Lená Medeiros de Menezes 299
15. *A Casa “Boris Frères” no Ceará* – Denise Mattos Monteiro 321

16. *O espelho francês na “Paris das Selvas”* – Maria Luiza Ugarte Pinheiro 339
17. *O Courrier du Brésil e o conflito entre associações francesas no Rio de Janeiro* – Letícia Gregório Canelas 357
18. *Le Gil-Blas (1877-1878): humor e política e prol do ideal republicano* – Tania Regina de Luca 387

Parte 4 – As experiências das colônias agrícolas

19. *Os colonos franceses da colônia Valão dos Veados – 1845-1854* – Maria Isabel de Jesus Chrysostomo 427
20. *A imigração contratada: o caso da colônia de Benevides* – Grégory Corps 449
21. *Alexandre Bréthel (1862-1901) e os franceses do Carangola* – Françoise Massa 459

Parte 5 – Trajetórias individuais e memória

22. *Trajetórias de franceses em Minas Gerais no século XIX* – Júnia Ferreira Furtado 475
23. *Um francês no Brasil imperial do século XIX: Auguste François-Marie Glaziou* – Fábio Simões Cardozo e Marlice Nazareth Soares de Azevedo 493
24. *Um humanista nos trópicos: a singular trajetória de Hercule Florence no Brasil* – Dirceu Franco Ferreira e Nelson Mendes Cantarino 503
25. *B. L. Garnier e A. L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre a França e o Brasil no século XIX* – Marisa Midori Deaecto 527
26. *Rastros da presença francesa nas terras do Saí: o caso da família Ledoux* – Maria Bernardete Ramos Flores, Êmerson César de Campos e Carina Sartori 545

27. *Presença imigrante francesa no Brasil: entre visões do paraíso e mercados de trabalho* – Ana Luiza Martins 563

28. *Pedro Théberge. Um médico francês na cidade do Icó, sertão da Província do Ceará – Brasil, na metade do século XIX* – Clovis Ramiro Jucá Neto 579

Referências bibliográficas 611

Sobre os autores 639

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO BRASILEIRA

Laurent Vidal

Tania Regina de Luca

Este livro é fruto de um duplo processo: de um lado, a recente dinâmica historiográfica sobre as migrações europeias no Brasil (mais sensível às análises qualitativas) e, do outro, a intensa diplomacia cultural que articula dois países que firmaram as primeiras relações diplomáticas 200 anos atrás. Nos últimos 40 anos, houve os anos França-Brasil (1986-1989), o ano do Brasil na França (2005), o ano da França no Brasil (2009), e em 2025 haverá a Temporada cruzada França-Brasil.

Ainda que projetos editoriais se multipliquem por ocasião de eventos oficiais que visam aproximar países, na historiografia o interesse em relação às trocas e à circulação cultural entre França e Brasil ultrapassou os momentos comemorativos, como, aliás, a própria trajetória desta coletânea e suas várias edições testemunha. É pertinente recorrer ao conjunto de ensaios, datados de 1986 e que se tornaram clássicos, nos quais Donald McKenzie (2018) problematizou os múltiplos sentidos da bibliografia – termo que, para o autor, não se restringe à linguagem verbal. No caso específico dos livros, importa precisar as características físicas do objeto, a exemplo das dimensões, natureza da encadernação, presença/ausência de material iconográfico, tipo do papel e tamanho da letra, mas também atentar para as variações em edições posteriores, seja em termos do conteúdo (o que coloca questões espinhosas a respeito da forma inicial, nem sempre identificável), seja em relação às práticas de impressão e aos processos relativos à *mise en page*. Tais procedimentos, longe de remeterem a aspectos neutros ou inocentes, constituem-se em estratégias mobilizadas, em diferentes momentos históricos, pelos múltiplos atores envolvidos na passagem do escrito

ao impresso e expressam o desejo de controlar a forma de apropriação dos leitores. Assim, textos não são dotados de sentido unívoco, uma vez que também dependem da maneira como as páginas impressas se apresentam aos leitores.

Tendo em vista as reflexões do professor neozelandês, cabe explicitar o percurso editorial de *Franceses no Brasil*. A primeira edição brasileira data de 2009 e foi publicada no quadro do Ano da França no Brasil, como indica o selo do evento, presente na capa do volume. Dois anos depois, veio a público a versão francesa, sob responsabilidade da casa parisiense Les Indes Savantes, acrescida de quatro textos em relação à edição brasileira. Em 2016, o editor francês lançou a segunda edição, com incorporação de duas novas colaborações. É importante destacar que essas inclusões foram inseridas, segundo sua temática, em uma das cinco partes que compõem a obra, de tal sorte que a estrutura permaneceu inalterada.

O presente volume é a segunda edição brasileira de *Franceses no Brasil*, lançada no âmbito da Temporada cruzada França-Brasil (2025). Em relação à original, vem acrescida de quatro contribuições que integraram as edições francesas, a saber: *A emigração guiada por Frederico José de Santa-Anna Nery, literato brasileiro, na Exposição Universal de Paris em 1889*, de Guy Martinière; *Da América do Norte ao Brasil. Dois episódios de imigração francófona na segunda metade do século XIX*, de Rosana Barbosa e Yves Frenette; *Os franceses em Pernambuco no século XIX*, de Emanuele de Maupeou; e, ainda, *Pedro Théberge. Um médico francês na cidade do Icó, sertão da Província do Ceará – Brasil, na metade do século XIX*, de Clovis Ramiro Jucá Neto. Há também dois textos que não constaram em nenhuma das versões anteriores, *Uma história esquecida: A Associação Central de Colonização do Rio de Janeiro e a mercadorização da emigração europeia (1857-1865)*, de Laurent Vidal e Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, e *Le Gil-Blas (1877-1878): humor e política e prol do ideal republicano*, de Tania Regina de Luca. Os acréscimos, tal como ocorreu nas edições francesas, respeitaram o plano da obra original e foram alocados nas diferentes partes que a compõem. Nesta edição, tal como ocorreu nas edições francesas, o texto de Ana Luíza Martins migrou da primeira para a quinta parte. Desta forma, cada edição ou reedição tem suas particularidades e nenhuma delas é idêntica.

Desde 2009, os estudos sobre as trocas culturais entre o Brasil e a França conheceram significativo crescimento, sobretudo graças aos vários projetos levados a cabo por equipes transdisciplinares e transnacionais, que resultaram não apenas em livros, teses, coletâneas e dossiês de revistas, mas também em plataformas digitais. Tais plataformas se somam ao esforço de instituições brasileiras e fran-

cesas para disponibilizar grandes conjuntos documentais em ambiente digital, o que, para além de facilitar o acesso, possibilita a utilização de ferramentas e procedimentos das humanidades digitais e contribui para a formulação de novos questionamentos.

Em relação à situação inicial, quando nasceu a ideia de uma obra coletiva, envolvendo dezenas de autores – à época, falávamos de um “vazio historiográfico” –, o projeto atingiu sua meta: incentivou a constituição de um campo de pesquisa, em constante evolução, sensível às novas orientações historiográficas, como a fértil história transnacional e conectada.

Por isso, esta nova versão deve ser entendida como a edição definitiva de um marco historiográfico.

INTRODUÇÃO

Laurent Vidal
Tania Regina de Luca

A intenção deste livro, organizado no bojo das comemorações do Ano da França no Brasil, é reunir estudos que analisam a presença de imigrantes franceses em território brasileiro, temática que ocupa lugar bem menos proeminente que o reservado à influência da cultura francesa.

Sobre o apreço da cultura francesa no Brasil

A admiração pela França constituiu um traço marcante das elites brasileiras desde os primórdios da independência, momento em que se tornou urgente dotar o jovem país de uma identidade capaz de lhe assegurar feições próprias. Sob a batuta de um diminuto grupo, concebeu-se e projetou-se uma representação da nação que não pode ser dissociada dos valores e da autoimagem de seus propugnadores.

Tratava-se, então, de construir uma civilização nos trópicos, digna da herança recebida do velho continente. E, se no momento inicial de organização do Estado, os ventos da Revolução Francesa não inspiravam uma monarquia encabeçada pela dinastia dos Bragança, em outros domínios, os franceses representavam uma importante referência cultural. A avaliação de Debret, artista que permaneceu no Brasil entre 1816 e 1831, mais do que uma opinião lisonjeira, sintetizava um ideal avidamente perseguido pela intelectualidade local:

A moda, essa mágica francesa, em boa hora fez sua irrupção no Brasil. O Império de D. Pedro tornou-se um de seus mais brilhantes domínios: ela reina ali como des-

pota, seus caprichos são leis: nas cidades, toaletes, refeições, dança, música, espetáculos, tudo é calculado a partir do exemplo de Paris, e, nessa relação assim como em algumas outras, certos departamentos da França estão ainda bem atrás das províncias do Brasil [...]. Esse é, em resumo, o povo que percorreu em três séculos todas as fases da civilização europeia e que, instruído por nossas lições, logo nos oferecerá rivais dignos de nós, como o americano do Norte oferece neste momento a ele próprio.¹

Não é difícil multiplicar os exemplos de identificação com a Europa e, mais especialmente, com os franceses. O tema foi tratado literariamente por Joaquim Manoel de Macedo que, com tiradas saborosas, escreveu as “memórias” da Rua do Ouvidor, uma das mais elegantes do Rio de Janeiro de seu tempo, que concentrava o comércio de luxo, reduto francês: modistas, floristas, perfumistas, cabeleireiros... E a novidade ficava por conta de os produtos serem expostos em “vidraças” que exploravam “a variedade e a combinação das cores, e os efeitos da luz [...] com habilidade magistral”. O escritor não perdeu a oportunidade de assinalar – e satirizar – mudanças de hábitos, comportamentos e formas de sociabilidade em voga no Rio de Janeiro das primeiras décadas do Império:

Como é sabido, cuidava-se ainda então muito pouco da instrução do sexo feminino: pois bem; algumas senhoras fluminenses deram-se logo com interesse e gosto pelo estudo da língua francesa. Um dia um tio velho e rabugento perguntou à sobrinha, que escapara de ficar analfabeta:

– Menina, por que te meteste a aprender o francês, quando ainda ignoras tanto o português?...

– Ah, titio!... é tão agradável ouvir dizer *très jolie*! Em português não há isso.

Quase tudo se foi afrancesando. (Macedo, 1988, p.76)²

-
- 1 Extraído do *Journal de l'Institut Historique*. Paris, 1 (3): 171, out. 1834, apud Guimarães, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1 (1), p.13, 1988. Ao comentar a *Voyage pittoresque et historique* (1834-1839), Carelli (1994, p.87) destaca que “o eixo central de sua [Debret] visão de mundo resume-se então em uma fórmula que fazia sucesso no século XIX: a passagem da barbárie a civilização. E a mística do progresso justifica sua ação e orienta sua apresentação evolucionista da sociedade brasileira” (grifo no original).
 - 2 O autor contrapõe a derrota da França Antártica no século XVI à vitória das modistas, que teriam conquistado o Rio de Janeiro apenas com agulha e linha. O estudo do comércio franco-brasileiro no decorrer do século XIX atesta a importância dos têxteis, vinhos, mantigas, xales, lenços, chapéus, joias e papéis, aí incluídos os livros (ver Deveza, 1985, t.II, v.4, p.153-70).

A questão por certo não se restringia ao mundo da moda e elegância. Como bem demonstrou José Murilo de Carvalho, no último quartel do século XIX, parcela importante dos republicanos apropriou-se da simbologia revolucionária francesa – Marianne, barrete frígio, *Marselhesa* e vocabulário político centrado na noção de cidadão – e não faltou quem manifestasse a esperança de que a monarquia brasileira fosse derrubada em 1889, ano do primeiro centenário da queda da Bastilha, desejo que acabou por se concretizar (Carvalho, 1990, p.12).³

Em outro registro, Brito Broca, que estudou os letrados do final do século XIX e início do XX, identificou uma “doença” então muito em voga, a “parisi-na”, cujos sintomas consistiam em ignorar o Brasil e suspirar por Paris, atitude que o autor qualifica de “afetada e nem sempre inteligente”. Ele cita telegrama reproduzido na *Revista da Semana*, de 5 de agosto de 1916, portanto em plena Primeira Guerra Mundial, remetido pelo escritor Paulo Gardênia, autor do romance *Letícia*: “Paris, 2 – Cheguei. Dormi pela primeira vez no meu berço. Sinto-me um recém-nascido. Resolvi batizar-me na Madalena. Todas as *nourrices* de Luxemburgo se oferecem para me criar!”. O texto era acompanhado do seguinte comentário dos responsáveis pela publicação: “Que lhe atire a primeira pedra ou o primeiro riso o brasileiro que, ao chegar a Paris pela primeira vez, não sentiu a mesma emoção” (Broca, 1960, p.92).

Décadas mais tarde, a derrota ante os nazistas causou enorme impacto naqueles que foram educados nos marcos da cultura francesa. Vale acompanhar trechos das cartas trocadas entre Júlio de Mesquita Filho, proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo* e exilado desde 1938 em função da ditadura de Getúlio Vargas, e sua mulher Marina que, à época, residia em São Paulo (Mesquita; Mesquita, 2006, p.165, 168-9):

Estamos desolados com a queda de Paris. Por mais que a gente queira se convencer de que a vitória final será nossa, esse fato abate demais. Que será feito de nossos amigos todos? O que essa pobre gente não estará sofrendo? Será que os boches vão apagar aquela chama sagrada do Arco do Triunfo? Essa ideia deixa-me completamente alucinada! (Marina, 14 de junho de 1940).

Cada vez que penso na bandeira do Reich em Versailles e em Notre-Dame, tenho vontade de morrer (Marina, 15 e 16 de junho de 1940).

A França capitulou! É o que há pouco mais de uma hora o rádio acaba de comunicar. Ao ouvir a espantosa notícia, tive a sensação de que me havia chegado à pele

3 Referência à pregação aberta de Silva Jardim em favor da data mencionada.

um cabo de alta-tensão! Fiquei estarelecido e sem compreender. A França capitulou! Eu podia esperar tudo, tudo. Menos isso. Jamais supus que houvesse força material, no mundo, capaz de vencer a determinação do exército francês e, sobretudo, o valor técnico do seu comando [...]. E o futuro? O futuro, eu ainda confio, será nosso caso a França não entregue a sua esquadra aos totalitários (Júlio, 17 de junho de 1940).

Tais apreensões são particularmente interessantes por se tratar de correspondência de natureza privada, trocada no âmbito familiar e afetivo e sem outros destinatários que não os missivistas, o que as torna menos suscetíveis a ingerências provenientes de instituições, poderes e, no caso da palavra imprensa, do editor e público leitor.

Cabe ressaltar, contudo, que o tema adentrou o discurso especializado e a questão da influência francesa foi assinalada, como exemplificam as considerações do sociólogo e antropólogo Manuel Diegues Júnior que, em uma obra de síntese, anotou:

Igualmente o francês, por todo o Império, continuou a estar presente no Brasil, já agora através de forte influência intelectual. Se do ponto de vista imigratório, formando núcleos, sua importância é pequena, ou quase nula, no campo das ideias sua participação foi bem significativa. Da França nos chegou a orientação da leitura de obras literárias e científicas; também nos mandou ideias de liberdade e igualdade entre os homens.

No capítulo da vida social a moda feminina aparece fortemente influenciada pelo gosto francês: modistas, cabeleireiros franceses, instalados em várias cidades do Brasil; hábitos e costumes de vida em sociedade, entre eles a conversação em francês nos salões oficiais da alta-rodas; os banquetes com culinária de origem e de nomes franceses – a quadrilha, marcada com palavras em francês (*balancez, changez de dames* etc.), ou o *pas de quatre*.

Ainda de proveniência francesa, trazida através de irmãs religiosas para seus colégios e internatos de meninas, jogos ou brinquedos de crianças, como o *marré-marré-de-ci*, e o “na porta da viola”, originada na ronda francesa *Sur le pont d’Avignon*; também as artes manuais. No campo da cultura intelectual, a influência maior foi, sem dúvida, a do romantismo, através de autores franceses e livros franceses que tanto encheram o mercado das ideias. Note-se também a penetração cultural francesa através de estudantes brasileiros em universidades da França, como a de Montpellier, onde iam estudar, já desde os tempos coloniais, numerosos filhos de brasileiros. (Diegues Júnior, 1976, p.151)

Esse apeço e apego à cultura francesa – que esteve longe de se constituir em uma peculiaridade brasileira (Rolland, 2005) – e o peso de sua influência em

diferentes aspectos da vida nacional contam com vasta produção historiográfica, que tem perscrutado a questão sob os mais diversos ângulos.⁴ Talvez não seja demais afirmar que se dispõe de elementos que permitem discernir menos a presença física dos franceses do que a persistência de um discurso calcado na filiação a valores e tradições daquele país, que configuram um imaginário a respeito da França no Brasil.⁵

“Invisibilidade” dos franceses ou vazio historiográfico?

O referido silêncio é compreensível. Afinal, na chamada “grande imigração”, cujo período áureo ocorreu entre o final do século XIX e as primeiras décadas do seguinte, a contribuição francesa foi bastante discreta – “quase nula”, nas palavras de Diegues Júnior. Na cidade de São Paulo, cuja população passou dos 26 mil habitantes em 1872 para 130 mil em 1895, mais da metade desse vigoroso crescimento deve ser creditado à entrada de estrangeiros, dentre os quais os italianos representavam 63,38%, os portugueses, 21,13%, os espanhóis, 6,76%, os alemães, 3,38%, e os franceses, 1,55% (Santos, 1998, p.35-6). Números absolutos da entrada de imigrantes pelo porto de Santos entre 1882 e 1891 indicam a presença de 202.503 italianos, diante de 1.922 franceses (Morse, 1970, p.241).

Em 1911, o Ministério das Relações Exteriores da França tentou estabelecer de forma precisa o número de nacionais residentes no exterior, isso com vistas a esclarecer, sobretudo, a situação de cada imigrado perante o serviço militar. Para tanto, solicitou aos ministros plenipotenciários no exterior que realizassem um

4 Ver, por exemplo, além dos livros já citados: Mario de Lima Barbosa. *Les Français dans l'histoire du Brésil*. Paris: Albert Blanchard, 1923; Aurélio de Lyra Tavares. *Regards sur cinq siècles France-Brésil*. Bois-Colombes: Agence de Communication Internationale, 1973; Guy Martinière. *Aspects de la coopération franco-brésilienne: transplantation culturelle et stratégie de la modernité*. Grenoble: PUG, 1982. Destacam-se, mais recentemente, a *Revista Brasileira*, fase VII, ano XI, n.43, abr.-maio-jun. 2005, publicada pela Academia Brasileira de Letras, dedicada às relações culturais entre França e Brasil, e o volume de Carlos Benedito Martins (Org.). *Diálogos entre Brasil e a França*. Formação e cooperação acadêmica. Recife: FJN, Massangana, 2006, consagrado ao âmbito educacional, em seus múltiplos aspectos e temporalidades.

5 Não se trata, nos limites deste texto, de enfrentar a questão das relações e interações franco-brasileiras, marcadas por múltiplos estereótipos e clichês. Para uma análise aprofundada e instigante do tema, ver Carelli, op. cit.

censo, o mais completo possível, destes franceses.⁶ O Chargé d’Affaires de la République Française no Rio de Janeiro, Gaillard Lacombe, concluiu, a partir dos dados contabilizados pelos consulados da capital federal, São Paulo e Bahia, que havia 11.435 franceses no Brasil (Quadro 1).⁷ A esses devem-se somar os 148 franceses estimados pelo consulado de Belém, cujos dados foram enviados com um ano de atraso. A repartição geográfica era a seguinte:

- 3.624 na região consular do Rio de Janeiro (3.474 concentrados no Distrito Federal);
- 7.405 na região consular de São Paulo: cinco mil no estado (dos quais dois mil na capital e quarenta em Santos); 380 no estado do Paraná (120 em Curitiba); 25 em Santa Catarina (cinco em Florianópolis); dois mil no estado do Rio Grande do Sul (880 em Porto Alegre, quatrocentos na cidade de Pelotas, e cem na de Rio Grande);
- 406 na região consular de Bahia e Pernambuco (237 na Bahia, oitenta em Pernambuco, 48 em Alagoas, 41 na Paraíba).

Quadro 1. Geografia dos consulados e agências consulares da França no Brasil em 1912

Consulados da França	Principais agências consulares
Rio de Janeiro (desde 1815)	Espírito Santo, Belo Horizonte, Barbacena,
Bahia (desde 1821)	Goiás, Mato Grosso
Pernambuco (desde 1827)	Alagoas, Paraíba
Porto Alegre (desde 1853)	Ceará, Rio Grande do Norte
São Paulo (desde 1895)	Curitiba, Florianópolis, Pelotas, Paranaguá
Belém do Pará (data não encontrada)	Maranhão, Parnaíba

Fonte: CADN, Rio, série A, 170, apud Cras, Jérôme.

Tais números faziam do Brasil o segundo país em recepção de franceses na América Latina, muito atrás da Argentina, com uma colônia de cem mil indivíduos (14% da população total), mas à frente do Chile, com dez mil (3%), Uruguai, 9.500 (9,1%), México, quatro mil (0,3%), Cuba, 2.300 (0,1%), e Caribe Britânico,

6 Como indicou Rolland (op. cit., p.101): “O registro consular fornece cifras relativas a franceses ‘declarados’. Mas ele fornece sobretudo um índice da representação da ligação com a França, muitas vezes conjunturalmente constituída em torno das obrigações militares: a que lado do Atlântico dá-se prioridade, preserva-se a possibilidade de retorno, quer-se dar ao país anfitrião provas de integração? Muitas vezes é difícil estabelecer a hierarquia desses diferentes fatores, salvo quando a conjuntura pesa de maneira não habitual”.

7 Centre des Archives Diplomatiques de Nantes (CADN). Rio, série A, 170.

dois mil (0,1%), para citar apenas os países que atingiam a cifra dos dois milheiros. A título de comparação, vale assinalar que os Estados Unidos abrigavam 125 mil (1,4%), e o Canadá, 25 mil (3,5%) imigrantes franceses (Rolland, op. cit., p.100, 101).⁸

No Brasil, a presença maciça de outras etnias, especialmente italianos, ajuda a compreender a “invisibilidade” dos franceses, cujos rastros por vezes se insinuam.⁹ No caso específico da cidade de São Paulo, o silêncio também atingiu os brasileiros pobres, tal como problematizou Santos, que não deixou de associar essa forma de cegueira ao desejo dos grupos dominantes de apresentar a população paulistana como branca e europeia (Santos, op. cit.). É forçoso concluir que a imigração francesa para o Brasil tem sido abordada de forma secundária no âmbito da historiografia brasileira, cujas linhas de força, como apontou Boris Fausto, estruturam-se em torno de análises sobre a constituição do mercado livre de trabalho; as condições de vida; as oportunidades, no meio rural e urbano, de mobilidade social; a participação e o papel dos imigrantes nas organizações, ações e ideologias operárias, assim como no âmbito do poder, instituições e partidos políticos; sem esquecer as complexas questões ligadas à identidade (Fausto, 1991).¹⁰

Na França, por sua vez, a questão da emigração apenas recentemente tornou-se tema de pesquisa: durante longas décadas, não se duvidou do discurso que apresentava o país como uma terra de imigrantes e não de emigrantes (ver Noiriel, 1992). Indício da força desse imaginário é o fato de se estabelecer uma peculiaridade francesa em relação a países como Itália, Espanha, Portugal, Polônia, Alemanha, Irlanda etc. Assim, em 1860, a revista inglesa *The Economist* explicava: “A França não é um país colonizador e não tem nenhuma razão para tornar-se

8 O autor baseou-se no *Bulletin de la Statistique Générale de la France*, 01-1915, t. IV, fasc. 2, p.163. Informa, ainda, que viviam na América Latina 149.400 franceses, o que representava 3,4% dos nacionais residentes no exterior.

9 A título de exemplo, consultar Camillo (1998), que fornece dados e reproduz propagandas das seguintes empresas que eram, total ou parcialmente, propriedade de franceses: Sapataria João Barrère, p.72-3; Fábrica de Carros e Troles, p.79-82; Casa Bloch (alfaiataria), p.126-7; Sapataria L. Hertz e R. Barrère, p.128-9; Casa Blanchard (caldeiraria, fundição de ferro e bronze), p.138-40. Em comemoração ao Centenário do Museu Paulista (1995), a instituição publicou fac-símile de excertos da *Revista Industrial*, produzida por empresários de São Paulo e destinada à Exposição Universal de 1900, realizada em Paris, na qual figuram o *Banque Française du Brésil*, além de vários estabelecimentos com nomes franceses, entre os quais: *Au bon diable, important établissement de costumes pour hommes et enfants*; *Mlle. S. Aron, aux nouveautés parisiennes* e *Joseph Lévy Frères & Cie, établissement français de céramique*.

10 O autor apresenta, em um notável esforço de síntese, as polêmicas que cercam os estudos acadêmicos sobre imigração.

um”, opinião justificada pelo fato de “as grandes razões da emigração em geral e as razões fundamentais do seu sucesso [...] não existem na França, onde a população é praticamente estacionária e onde a divisão da propriedade retém no campo uma quantidade grande de agricultores pequenos proprietários”.¹¹

É fato que a França não conheceu as grandes levadas emigratórias, o que não significa, porém, inexistência de emigração. Durante anos, o país orientou fluxos migratórios para colônias como a Argélia, anexada desde 1857 e que menos de 15 anos depois, em 1871, já abrigava 225 mil franceses. Essa emigração maciça, que concerne também às ilhas das Antilhas, contribuiu para esmaecer o fluxo em direção ao Novo Mundo. No entanto, é justamente essa região que atualmente se constitui em campo de pesquisa, como exemplificam os trabalhos de François Weil, Nancy Green, Nicole Fouché e Annick Foucrier (Weil, 1996, p.443-6; 2000a; 2000b, p.197-206; 2005, p.5-8; Green, 2002; Green; Weil, 2006; Fouché, 1985; 1992; Foucrier, 1999). Mesmo assim, na historiografia francesa, a emigração para o Brasil permanece secundária diante dos trabalhos dedicados aos Estados Unidos, Argentina e México.

Se nas duas historiografias a questão da saída/entrada de franceses é similar, isso não significa que inexistam documentos e acervos que permitam tratar do tema dos dois lados do Atlântico. Na França, merecem destaque os registros consulares do Centre des Archives Diplomatiques de Nantes e os arquivos do Ministère des Affaires Étrangères (Quai d'Orsay) que contêm, além de notícias individuais relativas aos franceses registrados, cartas oficiais sobre a situação dos imigrantes franceses, pedidos de retorno e uma vasta gama de outros tipos de registros (Even, 1987; Cras in Carreira; Dos Santos, 2006, p.65-75). Igualmente importantes são os arquivos dos portos de embarque: Marseille, Bordeaux, Le Havre, os quais, geralmente, fazem parte dos arquivos das Câmaras de Comércio (Brault, 2005). Não se pode afirmar que tais acervos não foram estudados, uma vez que existem vários trabalhos levados a cabo a partir dessa documentação que, no entanto, ainda não foi analisada de modo sistemático com vistas a um conhecimento de caráter mais global acerca da presença dos imigrantes franceses no Brasil.

O mesmo se pode afirmar para o lado brasileiro: existem pesquisas de inegável relevância e rigor, mas não um campo de investigação. Os acervos, por sua

11 *The Economist*, 05/05/1860, apud Silva, Ligia Osório. Propaganda e realidade: a imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX. *Revista Theomai*, n.3, primeiro semestre de 2001. Disponível em: <<http://revista-theomai.unq.edu.ar/numero3/artligiao-sorio3.htm>>. Acesso em: jul. 2008.